

## BEM-AVENTURADOS OS POBRES E AI DOS RICOS: LENDO LUCAS 6.20 E 24 EM CONTEXTO

*João Paulo Thomaz de Aquino\**

### RESUMO

O autor apresenta uma leitura de Lucas 6.20 e 24 defendendo quatro teses principais. Primeiro, que questões ligadas a posses materiais em Lucas fazem parte de um esquema teológico maior. Segundo, que os versículos acima citados são introdutórios às suas respectivas seções. Terceiro, os conceitos de “pobre” e “rico” em Lucas não podem ser interpretados exclusivamente como termos econômicos nem espirituais, mas são categorias econômico-espirituais. Finalmente, o artigo aplica essas teses convocando os leitores a permitirem que o evangelho faça uma reversão pessoal e comunitária em sua lista de valores e consequentes atitudes.

### PALAVRAS-CHAVE

Evangelho de Lucas; Bem-aventuranças; Ais; Pobreza; Riqueza; Bens materiais.

### INTRODUÇÃO

*Bem-aventurados são vocês, os pobres, porque o Reino de Deus é de vocês (Lc 6.20).*

*Mas ai de vocês, os ricos, porque vocês já receberam a consolação! (Lc 6.24).*

Leia os versículos acima atenta e repetidamente. À luz desses versículos, seria correto afirmar que Deus ama os pobres e odeia os ricos? Talvez isso

---

\* Mestre em Antigo Testamento (CPAJ, 2007) e Novo Testamento (Calvin Seminary, 2009), doutor em Ministério (CPAJ, 2014) e doutorando em Novo Testamento pela Trinity International University. Professor de Novo Testamento no CPAJ e no Seminário JMC. Editor dos websites [issoegregio.com.br](http://issoegregio.com.br) e [yvaga.com.br](http://yvaga.com.br).

seja exagerado. Seria, então, correto dizer pelo menos que Deus têm uma preferência pelos pobres, como o têm afirmado diversos teólogos? Aliás, quem são os pobres referidos no texto? Finalmente, qual impacto prático o ensino desses textos deve ter nas igrejas cristãs? Essas são apenas algumas entre diversas perguntas que podem ser levantadas a partir desses versículos. Embora o Sermão da Planície (Lc 6.17, 20-49) não receba na academia a mesma atenção que seu “primo” mais famoso, o Sermão da Montanha (Mt 5.1–7.29), os dois versículos que analisamos aqui têm sido alvo de diversos estudos tendo em vista a importância que as questões econômicas têm para Lucas.

E quanto ao versículo 6.24 com seu “malditos sejam os ricos”?! A maioria dos cristãos que eu conheço amaria ser rica. Os demais já são. Embora seja possível haver algum exagero nessas afirmações, o fato é que elas refletem um problema que Lucas 6.24 tem apresentado aos cristãos de todas as épocas. Por acaso Jesus odeia os ricos? Será que os ricos vão para o inferno por já terem recebido sua quota de bênçãos nesta vida, como a parábola do rico e de Lázaro parece implicar (Lc 16.19-31)? E quanto àqueles cristãos ricos que doam dinheiro para boas causas como empreendimentos missionários, combate à fome e o avanço da educação teológica? Será que o “ai” de Jesus também se aplica a eles?

Além dessas questões práticas e teológicas, quando lemos o texto cuidadosamente, outras perguntas saltam aos olhos: para quem Jesus proferiu essas palavras? Existe duplicidade de significado nesses versículos? E quanto a algumas pessoas ricas que Lucas apresenta como exemplos a serem seguidos em seu evangelho, como Zaqueu, o centurião, as mulheres que contribuíram com o sustento de Jesus e José de Arimatéia? Seriam esses também dignos do “ai” de Jesus?

Embora pequeno, o texto das bem-aventuranças e ais de Lucas oferece uma série de dificuldades, das quais apenas algumas serão aqui respondidas.<sup>1</sup> O objetivo deste artigo, portanto, é apresentar uma leitura de Lucas 6.20 e 24

<sup>1</sup> Um inventário dos problemas exegéticos desse texto poderia conter: problemas textuais; problemas da história prévia do texto: problemas sinóticos (diferença com Mateus), de fonte e de redação; problema metodológico: qual é a maneira correta de se ler os evangelhos; problemas literários: gênero, estrutura, propósito de bem-aventuranças e ais; papel do sermão da planície; problemas relacionados ao contexto cultural: qual foi a audiência do sermão de Jesus e qual era a audiência visada por Lucas? Qual é a importância das relações entre patronos e clientes? Existe algum aspecto anti-imperial nesses textos? Problemas canônicos: quais textos do Antigo Testamento são refletidos nesse texto? Quais textos do Novo Testamento tem ensino parecido ou aparentemente divergente do presente texto? Problemas teológicos: o texto ensina redenção baseada em situação econômica? Deus deseja que todos sejam pobres? Quando acontece a reversão apresentada no texto? Qual é o conceito lucano de Reino de Deus e quais são suas relações com o mesmo conceito no restante das Escrituras? Problemas semânticos: qual é a concepção lucana de pobre e rico? Problemas na história da recepção: Esse texto já foi ou tem sido usado com propósitos que visam uma perpetuação da opressão? Como esse texto tem sido interpretado e aplicado ao longo da história? Qual é a maneira correta de aplicar o ensino desse texto?

levando em consideração o papel desses versículos no ensino lucano sobre questões socioeconômicas. Quatro teses serão defendidas aqui. Primeiro, pobreza e riqueza são parte de um tema complexo mais amplo em Lucas que pode ser chamado de teologia da redenção (relacionado a assuntos diversos como o uso de Isaías e os temas do jubileu, reversão, reino de Deus e pessoas marginalizadas em geral). Segundo, a primeira bem-aventurança e o primeiro ai são introdutórios às suas respectivas subseções. Terceiro, os conceitos de “pobre” (6.20) e “rico” (6.24) contêm em si aspectos tanto econômicos quanto espirituais. Em quarto e último lugar, defenderemos que a forma correta de aplicar pessoalmente o ensino desses textos para hoje é permitir que o evangelho faça uma reversão em nossa lista de valores pessoal e comunitária e, então, agir de acordo com esse novo conjunto de valores. Tendo em vista a complexidade do assunto e as teses que acabamos de apresentar, é evidente que esse artigo será apenas uma introdução ao assunto. Antes de defendermos os pontos acima, vejamos algo do que outros autores escreveram sobre Lucas 6.20 e 24.

## 1. REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA

É um fenômeno interessante e incomum, mas alguns dos artigos que tratam de Lucas 6 são uma espécie de relato autobiográfico, narrando experiências que os escritores tiveram vivendo em meio a comunidades bem pobres.<sup>2</sup> Embora tais artigos não tenham uma estrutura acadêmica, defendendo uma tese baseados em argumentos e fontes de pesquisa, eles fazem uma defesa narrativa de que a forma correta de ler a primeira bem-aventurança é relacioná-la à pobreza literal.

O autor Gary Meadors, por outro lado, defende que os textos de Mateus e Lucas devem ser lidos como tendo o mesmo significado de “pobres de espírito”, visto que ambos os relatos contém a *ipsissima vox* de Jesus.<sup>3</sup> Com esse pressuposto e os argumentos que mostrarei adiante, Meadors qualifica “pobre” da seguinte maneira: “Os pobres são aqueles que seguiam Jesus, assim como os discípulos, e os ricos são os líderes religiosos que oprimem aqueles que seguem a Deus”. De maneira bastante clara, ele afirma: “O pobre não é o ímpio faminto do terceiro mundo”.

<sup>2</sup> BERG, David. “Blessed are they upon God’s holy mountain”: reflections on Luke 6:17-26. *Currents in Theology and Mission* 29, n. 6, 2002, p. 452-455. TIEDE, David L. Luke 6:17-26. *Interpretation* 40, n. 1, 1986, p. 63-68.

<sup>3</sup> MEADORS, Gary T. “The ‘poor’ in the beatitudes of Matthew and Luke”. *Grace Theological Journal* 6.2 (1985), p. 3-7. Quando se fala sobre as palavras de Jesus registradas nos evangelhos, existem suas posições representadas pelas expressões *ipsissima verba* e *ipsissima vox*. A primeira expressão resume a posição daqueles que afirmam que os evangelhos contém as palavras que Jesus disse de forma literal. Ou seja, os evangelistas relataram as palavras de Jesus como se as tivessem gravado e transcrito fielmente. A expressão *ipsissima vox*, por sua vez, afirma que os evangelistas relataram fielmente o que Jesus disse, mas tiveram liberdade de fazê-lo em suas próprias palavras.

Meadows baseia a sua interpretação em quatro argumentos principais: (1) O relato das bem-aventuranças mostra claramente que os discípulos eram a audiência primária de Jesus. (2) As bem-aventuranças de Lucas ecoam Isaías 61, onde “pobre” tem nuances mais religiosas do que econômicas. (3) Uma comparação entre Mateus e Lucas mostra que embora este provavelmente tenha registrado a *ipsissima verba* de Jesus, ambos os relatos contém a mesma *ipsissima vox Iesou*. Dessa forma, seria contrário ao ensino de ambos os textos afirmar que o fato de ser economicamente pobre resulta em ser aceito no reino de Deus. (4) Uma análise atenta do aspecto de reversão, que é exclusivo ao relato de Lucas, aponta que os fariseus deveriam ser vistos como aqueles que se opunham aos verdadeiros discípulos de Jesus que são descritos como pobres, famintos, chorosos e odiados. Meadors conclui o seu artigo afirmando que os leitores de Lucas entenderiam o “bem-aventurados os pobres” da mesma forma que os leitores de Mateus entendiam o “bem-aventurados os pobres de espírito”. O único aspecto mais socioeconômico admitido por Meadors é que é possível afirmar que o compromisso de fé dos discípulos pode gerar opressão social e econômica.<sup>4</sup>

Em sua grandiosa obra sobre o Sermão do Monte, Hans Dieter Betz, usando a sua respeitada crítica retórica, tenta resolver diversos dos problemas apresentados pelas bem-aventuranças de Lucas. A análise de Betz compara o Sermão do Monte e o Sermão da Planície, mas lida com os dois separadamente. Betz afirma que pretende lidar com o sermão “como uma peça de literatura mundial e não como um texto exclusivo”.<sup>5</sup> Por causa da metodologia adotada em seu comentário, existe uma necessidade muito grande de determinar quem eram os ouvintes originais do sermão. Assim, enquanto, para Betz, o objetivo do Sermão do Monte é a catequização de cristãos judeus, o Sermão da Planície foi dirigido a discípulos gregos e reflete tal contexto.<sup>6</sup> Para ele, o Sermão da Planície contrasta a pessoa boa e a má, as quais também são identificadas respectivamente como “o pobre” e “o rico” (p. 82).<sup>7</sup> Para Betz, não é possível determinar qual versão das bem-aventuranças é mais autêntica. Quanto à audiência, ele acredita que tanto as bem-aventuranças quanto os ais “são direcionados aos discípulos para os quais o texto foi composto”.<sup>8</sup>

<sup>4</sup> MEADORS, The “poor”, p. 3-4.

<sup>5</sup> BETZ, Hans Dieter; COLLINS, Adela Yarbro. *The Sermon on the mount: a commentary on the Sermon on the mount, including the Sermon on the plain (Matthew 5:3-7:27 and Luke 6:20-49)*. Minneapolis: Fortress Press, 1995, p. 1.

<sup>6</sup> Betz atribui o gênero retórico epítome a ambos os sermões. Ver mais em BETZ e COLLINS, *The Sermon on the Mount*, p. 70-80.

<sup>7</sup> Ibid., p. 82.

<sup>8</sup> Ibid., p. 152.

James W. Thompson defende uma posição diferente.<sup>9</sup> Para ele, “as bem-aventuranças de Lucas são palavras de consolo e não requisitos para entrada no reino. Elas dizem respeito à missão de Jesus de proclamar boas novas aos pobres”. O foco desse articulista não é lidar com a questão social, mas com a função das bem-aventuranças de Mateus e de Lucas.

Em 2004, Carlos Calderón publicou o artigo “¿Quiénes son los pobres en Lucas 6:20?” com um ótimo resumo sobre o assunto.<sup>10</sup> Ele propõe que existem quatro respostas principais a essa pergunta: simbólica, sócio-política, pobre por causa de Jesus e interpretação espírito-socioeconômica. Calderón explica que a leitura simbólica interpreta pobre como uma categoria que abarca todos aqueles que sofrem opressão e coloca Luke Timothy Johnson como o principal proponente dessa visão. Aqueles que defendem essa interpretação veem os pobres não como indivíduos, mas como um grupo composto pelos que sofrem rejeição por causa de Jesus.

Como representantes da interpretação sócio-política, Calderón apresenta Rinaldo Fabris, J. Dupont e Gustavo Gutiérrez. Ele afirma que esses estudiosos defendem que pobre em Lucas deve ser compreendido como a pessoa que não tem condições para suprir algumas de suas necessidades básicas. Essas pessoas são bem-aventuradas porque, como seria o caso de um bom rei do Oriente, Deus escolhe defender e amar aqueles que são mais vulneráveis. Dessa forma, o valor delas não está nelas mesmas, mas no fato de que Deus quer lhes dar o seu reino.<sup>11</sup>

I. Howard Marshall, Alfred Plummer e John Nolland são apresentados entre aqueles estudiosos que entendem essa pobreza como estando relacionada à pobreza literal que os discípulos de Jesus, os doze e outros, estavam sofrendo por causa de Jesus. Esses estudiosos representam, no artigo de Calderón, a terceira maneira de entender o conceito de “pobre” no evangelho de Lucas.<sup>12</sup>

Finalmente, a última forma pela qual o conceito de “pobre” tem sido interpretado, de acordo com Calderón, vê o conceito como sendo tanto espiritual quanto socioeconômico. Essa interpretação harmoniza as primeiras bem-aventuranças de Mateus e de Lucas. Herman Ridderbos, Thomas Hanks, Darrell Bock e Craig Bloomberg estão entre aqueles que defendem essa última interpretação.<sup>13</sup>

<sup>9</sup> THOMPSON, James W. “The Background and Function of the Beatitudes in Matthew and Luke”. *Restoration Quarterly* 41, n. 2 (1999), p. 114.

<sup>10</sup> CALDERÓN, Carlos. “¿Quiénes son los pobres en Lucas 6:20?”. *Kairós* 35.2 (2004), p. 31-53.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 35-39.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 39-41.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 41-44.

Depois de apresentar essas linhas de interpretação e antes de sua própria proposta, Calderón fornece uma análise rápida da maioria dos textos lucanos que lidam com pobreza e conclui que essas passagens se referem a pobre no sentido material, acrescentando ainda que estes são normalmente os mais receptivos ao evangelho.<sup>14</sup> Ao apresentar a sua interpretação de Lucas 6, Calderón conclui que “pobre” ali deve ser entendido “no sentido mais comum da palavra, ou seja, como aqueles que são totalmente carentes de bens econômicos e materiais. Sem dúvida, estes são identificados no evangelho de Lucas como pessoas que sempre reagem positivamente à mensagem do evangelho”.<sup>15</sup> Portanto, Calderón se alinha àqueles que descreve no quarto grupo, defendendo uma interpretação espiritual-socioeconômica do termo pobre.

John L. Topel escreveu em 2001 *Children of a Compassionate God: A Theological Exegesis of Luke 6:20-49*.<sup>16</sup> Esse livro é organizado em três partes: o contexto literário do sermão (caps. 1 e 2); exegese do Sermão da Planície (caps. 3 a 7) e a interpretação e aplicação do mesmo (cap. 8). O capítulo 3 é dedicado exclusivamente a lidar com Lucas 6.20. Scott Spencer resume de maneira muito apropriada a definição de pobre proposta por Topel sobre Lucas 6.20:

A conclusão dele é que “pobre” constitui uma classe material (não metafórica) daqueles que sofrem grave aflição financeira em uma economia agrária limitada, parcialmente por causa da exploração generalizada por parte das elites, mas também por causa da ordem de Jesus de que todos devem compartilhar livremente as suas posses. Jesus ousa chamar esses pobres de “abençoados” no reino de Deus, mas não somente porque eles podem esperar uma reversão de sorte no final da era; a abundância escatológica é revelada agora neste mundo, à medida em que o pobre recebe as riquezas de Deus intermediadas por Jesus e também se beneficia da generosidade dos discípulos ricos que respondem à vocação sacrificial de Jesus.<sup>17</sup>

O reino que o pobre recebe, na concepção de Topel, tem várias camadas. Primeiro, diz respeito à presença corpórea de Jesus, sua proclamação do jubileu e suas ações em prol dos pobres. Em segundo lugar, na teologia de Lucas-Atos, o reino é a comunidade de discípulos, os quais, no poder do Espírito Santo, seguem o exemplo dos atos de salvação de Jesus e demonstram uma disposição de dar as suas propriedades para o bem comum. Finalmente, existe um terceiro

<sup>14</sup> Ibid., p. 49.

<sup>15</sup> Ibid., p. 52.

<sup>16</sup> TOPEL, L. John. *Children of a compassionate God: a theological exegesis of Luke 6:20-49*. Collegeville, MN: Liturgical Press, 2001.

<sup>17</sup> SPENCER, F. Scott. Resenha de “Children of a Compassionate God”. *Catholic Biblical Quarterly*, v. 65, n. 1 (jan. 2003), p. 138.

aspecto na teologia do reino de Lucas: o aspecto escatológico. Este aponta para a *parousia* de Jesus com seu julgamento apocalíptico e o farto banquete que será oferecido àqueles que outrora foram pobres discípulos dele.

Topel também lida com o problema da audiência. Para quem esse primeiro “ai” foi dirigido? Uma resposta possível é que os “ais” não eram para os discípulos, mas para as multidões.<sup>18</sup> Nas palavras de Topel: “Se o sermão foi dirigido tanto para discípulos quanto para pessoas de fora, como está implícito em Lucas 6.17-19, é possível que os ais tenham sido direcionados mais para os de fora”.<sup>19</sup> “Em Lucas 6.24-26, Jesus parece estar se dirigindo a discípulos que não estão vivendo os ensinamentos dele na prática e, por isso, correm o risco de perderem o seu eu religioso”.<sup>20</sup>

Howard Marshall, por sua vez, afirma que embora os “ais” sejam comumente vistos como uma apóstrofe, esse provavelmente não é o caso por causa do pronome *ὁὐτῶν*. Ele diz:

O segundo grupo consiste daqueles que são materialmente prósperos e usufruem do favor do mundo. A expressão de lamento de Jesus pela condição deles não é dirigida contra a prosperidade em si, mas contra aqueles que usufruem tal prosperidade, estão satisfeitos com ela e não olham para outra coisa que não a satisfação dos seus próprios desejos.<sup>21</sup>

Assim, para Marshall, os ais, que não pertencem necessariamente a este sermão, foram proferidos para pessoas ricas (“pessoas que correm risco espiritual”), na presença delas.<sup>22</sup> Na conclusão de seus comentários a respeito dos ais, Marshall volta à questão da audiência:

Esse dito pode ter sido proferido originalmente contra os fariseus. É possível que Lucas tivesse em vista os falsos mestres da igreja de seus próprios dias. Mas a evidência de Tiago, que conhecia os ais (Tg 4.4, 9; 5.1), sugere que eles foram direcionados aos ricos, especialmente os oponentes da igreja e também àqueles na igreja que eram atraídos por esse estilo de vida. Consequentemente, pode-se ver a razão mais profunda para o ai. É o fato de que os ricos estavam usando a sua riqueza para comprar o seu próprio conforto e não para ajudar os necessitados (cf. 16.19-31). E não somente isso, mas a atitude deles sugere que eles estavam satisfeitos com sua riqueza e não viam necessidade de assegurarem para si mesmos um tesouro no céu por meio do dar aos pobres (cf. 12.21). Esses

<sup>18</sup> GARLAND, David E. *Luke*. ZECNT. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p. xx.

<sup>19</sup> TOPEL, *Children of a compassionate God*, p. 113.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 114-15.

<sup>21</sup> MARSHALL, I. Howard. *The Gospel of Luke*. NIGTC. Exeter, England: The Paternoster Press, 1978, p. 246.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 256.

pontos ficam mais claros a partir dos outros aís. Nada se diz sobre o destino dos ricos; é suficiente dizer-lhes que eles serão privados de qualquer bênção no futuro.<sup>23</sup>

Topel apresenta uma resposta um pouco diferente para essa última pergunta. Ele observa que “Jesus não tem aversão por ricos; mas é por causa do amor que sente por eles que os adverte sobre o perigo que suas riquezas representam. Pois o fato simples é que em Lucas as riquezas sempre representam algo ruim, um obstáculo para o reino de Deus”. No final de sua explicação de Lucas 6.24, Topel pergunta qual é o significado de negar algo que o Antigo Testamento considera uma bênção (i.e., riquezas). Ele apresenta três respostas. Primeiro, o rico não precisa contar com Deus para prover para as suas necessidades assim como o pobre e, dessa forma, em certo sentido, sua riqueza toma o lugar de Deus em sua vida. Segundo, era comum na retórica grega definir os oponentes como ricos, acusando-os de vender sabedoria e de se aliarem a forças opressivas. Terceiro, os ricos são aqueles que coíbem os pobres de terem suas bênçãos, conforme prometidas na primeira bem-aventurança de Lucas, portanto, eles impedem a concretização do jubileu do reino anunciada por Jesus.<sup>24</sup>

Darrell Bock, por sua vez, adverte:

Mas é importante lembrar que o paralelismo com o pobre de 6.20, mostra que existe uma outra generalização presente... O que é condenado é um foco mal dirigido que se concentra nesta vida e em suas posses sem preocupação pelos desejos de Deus e do próximo. O perigo de sucumbir às coisas que somente tem valor temporal é muito real e enganoso.<sup>25</sup>

John Carol, outro estudioso que analisa nosso texto, parece focar na reversão do reino como abrangendo somente questões socioeconômicas e lê na primeira bem-aventurança e no primeiro aís realidades escatológicas que já se fazem e estarão ainda mais presentes em uma futura “transformação de circunstâncias”.<sup>26</sup>

À luz dessa revisão de literatura é possível dizer que o significado preciso de Lucas 6.20 e 24 ainda está aberto ao debate. Atualmente existe discordância a respeito de diversos aspectos do texto. Algumas dessas diferenças são fun-

---

<sup>23</sup> Ibid.

<sup>24</sup> TOPEL, *Children of a compassionate God*, p. 116.

<sup>25</sup> BOCK, Darrell L. *Luke 1.1–9.50*. Grand Rapids, MI: Baker, 1994, p. 583.

<sup>26</sup> CARROLL, John T. *Luke: A Commentary*. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2012, p. 150. “Ainda assim, aqueles que não têm recursos próprios, nenhum status social e nenhuma vantagem econômica que dele resulta, e que só podem depender da provisão graciosa de Deus – tais pessoas já habitam um novo mundo. Elas são abençoadas (por Deus) muito embora permaneçam empobrecidas”.

damentais, como a definição de pobre e rico, e outras mais periféricas. Sem desprezar os estudiosos citados, mas usando-os juntamente com outros em nossa pesquisa, o presente artigo visa a apresentar uma proposta de leitura desses dois versículos que leve em consideração o contexto maior do evangelho de Lucas, bem como apresentar uma proposta de práxis cristã informada por esse texto.

## 2. ANÁLISE DE LUCAS 6.20 E 24

Estrutura de Lucas 6.20-26 (texto da NA28)			
bi	Καὶ αὐτὸς ἐπάρας τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ εἰς τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ ἔλεγεν,	ai	Πλὴν
b1	Μακάριοι οἱ πτωχοί, <sup>27</sup>	a1	οὐαὶ ὑμῖν τοῖς πλουσίοις,
b2	ὅτι ὑμετέρα ἐστὶν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ.	a2	ὅτι ἀπέχετε τὴν παράκλησιν ὑμῶν.
b3	μακάριοι οἱ πεινῶντες <b>νῦν</b> ,	a3	οὐαὶ ὑμῖν, οἱ ἐμπελησμένοι <b>νῦν</b> ,
b4	ὅτι χορτασθήσεσθε.	a4	ὅτι πεινάσετε.
b5	μακάριοι οἱ κλαίοντες <b>νῦν</b> ,	a5	οὐαὶ, οἱ γελῶντες <b>νῦν</b> ,
b6	ὅτι γελάσετε.	a6	ὅτι πενθήσετε καὶ κλαύσετε.
b7	μακάριοι ἐστε	a7	οὐαὶ
b8	<b>ὅταν</b> μισήσωσιν ὑμᾶς οἱ ἄνθρωποι	a8	<b>ὅταν</b> ὑμᾶς καλῶς εἴπωσιν πάντες οἱ ἄνθρωποι·
b9	καὶ <b>ὅταν</b> ἀφορίσωσιν ὑμᾶς καὶ ὀνειδίσωσιν καὶ ἐκβάλωσιν τὸ ὄνομα ὑμῶν ὡς πονηρὸν ἕνεκα τοῦ υἱοῦ τοῦ ἀνθρώπου·	a9	
b10	χάριτε ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ καὶ σκιρτήσατε,	a10	
b11	ἰδοὺ γὰρ ὁ μισθὸς ὑμῶν πολὺς ἐν τῷ οὐρανῷ·	a11	
b12	κατὰ τὰ αὐτὰ γὰρ ἐποίουν τοῖς προφήταις οἱ πατέρες αὐτῶν.	a12	κατὰ τὰ αὐτὰ γὰρ ἐποίουν τοῖς ψευδοπροφήταις οἱ πατέρες αὐτῶν.

<sup>27</sup> É interessante observar que tanto a ARA quanto a NVI inserem um pronome de segunda pessoa do plural que não se encontra no texto da NA28.

Estrutura de Lucas 6.20-26 (texto da ARA)			
bi	Então, olhando ele para os seus discípulos, disse-lhes:	ai	Mas
b1	<b>Bem-aventurados</b> vós, os pobres,	a1	ai de vós, os ricos!
b2	porque vosso é o reino de Deus.	a2	Porque tendes a vossa consolação.
b3	<b>Bem-aventurados</b> vós, os que <b>agora</b> tendes fome,	a3	<b>Ai</b> de vós, os que estais <b>agora</b> fartos!
b4	porque sereis fartos.	a4	Porque vireis a ter fome.
b5	<b>Bem-aventurados</b> vós, os que <b>agora</b> chorais,	a5	<b>Ai</b> de vós, os que <b>agora</b> rides!
b6	porque haveis de rir.	a6	Porque haveis de lamentar e chorar.
b7	<b>Bem-aventurados</b> sois	a7	<b>Ai</b> de vós
b8	<b>quando</b> os homens vos odiarem	a8	<b>quando</b> todos vos louvarem!
b9	<b>e quando</b> vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem.	a9	
b10	Regozijai-vos naquele dia e exultai,	a10	
b11	porque grande é o vosso galardão no céu;	a11	
b12	pois dessa forma procederam seus pais com os profetas.	a12	Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas.

Lucas 6.20-26 tem uma estrutura bem elaborada, “claramente simétrica”.<sup>28</sup> As bem-aventuranças e os ais são perfeitamente espelhados, com exceção das linhas 9 a 11, formando, assim, um paralelismo antitético.<sup>29</sup> O texto apresenta quatro bem-aventuranças e quatro ais. A primeira bem-aventurança e o primeiro ai são introdutórios e os últimos, conclusivos.<sup>30</sup> É possível afirmar o papel introdutório das primeiras linhas visto que as atribuições não são limitadas

<sup>28</sup> CRADDOCK, Fred B. *Luke*. Louisville, KY: John Knox Press, 1990, p. 87.

<sup>29</sup> STEIN, Robert H. *The Method and Message of Jesus' Teachings*. Louisville, KY: Westminster/John Knox, 1994, p. 28.

<sup>30</sup> Sobre o caráter introdutório do primeiro par, ver: TOPEL, *Children of a compassionate God*, p. 60; YANG, S-A. “Sermon on the Mont/Plain”. In: GREEN, Joel B. *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2013, p. 853.

por tempo, como as demais o são, ou seja, não se vê *vũv* (agora) nem *õtav* (quando) no texto grego. Portanto, se Lucas 6.20-26 é o *exordium* (introdução) do Sermão da Planície, a primeira bem-aventurança e o primeiro ai são o *exordium* de suas respectivas seções. Johnson provavelmente está certo quando afirma que as bem-aventuranças e ais dois e três lidam com as condições presentes de necessidade ou conforto que serão transformadas no futuro e os das pontas (primeiro e quarto) descrevem realidades presentes transformadas pela perspectiva do reino.<sup>31</sup>

A importância prática de ver a primeira bem-aventurança como introdutória é que o seu conteúdo não pode ser interpretado sozinho, mas tem quem ser interpretado juntamente com as demais bem-aventuranças do texto, incluindo a quarta, bem como com o resto do Sermão da Planície.<sup>32</sup>

Como é possível verificar na tabela acima (ver as palavras em negrito), tanto nas bem-aventuranças quanto nos ais dois e três encontramos a palavra *vũv* (agora) e na quarta bem-aventurança e no quarto ai encontramos *õtav* (quando). Isso indica que essas linhas estão desenvolvendo aquilo que foi dito na primeira bem-aventurança e no primeiro ai. É evidente que a quarta estrofe quebra o padrão anterior bem como o paralelismo. Mas essa quebra não é completa. Ainda é possível ver um paralelo se deixarmos as linhas 9-11 de fora.

Essa quebra de padrão aponta para o fato de que as linhas 9 a 11 estão sendo enfatizadas. Ou seja, Lucas quis chamar a atenção para

Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu.

Esse é um argumento extraído a partir da estrutura do texto e mostra que toda a seção deve ser compreendida à luz do fato de que os sofrimentos ali abordados são “por causa do Filho do Homem”.

Tannehill interpreta essas evidências de maneira bastante diversa. Ele afirma que por causa da forma semelhante, as três primeiras bem-aventuranças devem ser interpretadas em conjunto e a última “fica de fora” por causa de suas características diferentes. Assim, ele interpreta “pobre” como sendo exclusivamente o economicamente necessitado, sem nenhuma conexão com o Filho do Homem.<sup>33</sup> Isso somente é possível se o leitor despreza o relato como o encontramos no evangelho e foca em uma “versão anterior virtual” das bem-

<sup>31</sup> JOHNSON, Luke Timothy; HARRINGTON, Daniel J. *The Gospel of Luke*. Collegeville, MN: Liturgical Press, 1991, p. 111.

<sup>32</sup> HAYS, C. M. “Rich and Poor”. In: GREEN, *Dictionary of Jesus and the Gospels*, p. 807.

<sup>33</sup> TANNEHILL, Robert C. *Luke*. Nashville, TN: Abingdon Press, 1996, p. 115.

-aventuranças que exclui a quarta. Por convicção teológica da inspiração das Escrituras, nós tratamos o texto da Escritura como ele se nos apresenta.

Se por um lado não podemos mudar o texto incluindo em “por causa do Filho do Homem” a pobreza, a fome e o choro, à luz da estrutura do texto não se pode desprezar essa interpretação. Assim, a partir da estrutura espelhada é possível afirmar que todas as demais bem-aventuranças e ais, especialmente a quarta bem-aventurança, devem informar a interpretação da primeira bem-aventurança e do primeiro ai.

Quando estudamos os sinóticos é importante dedicar tempo para comparar as versões dos textos nos diferentes autores a fim de aprender a ênfase particular de cada um. Assim, comparemos a bem-aventurança de Lucas com a de Mateus. Nosso objetivo ao fazer essa comparação não é lidar com as fontes primitivas dos textos, mas usar o texto de Mateus como base para entender as peculiaridades do texto lucano. Conquanto existam estudiosos que pensam que o Sermão da Montanha e o Sermão da Planície sejam diferentes sermões, a maioria dos estudiosos concorda que eles representam versões diferentes do mesmo sermão.<sup>34</sup>

As diferenças entre os dois relatos são mais ou menos conhecidas:<sup>35</sup> (1) Lucas apresenta quatro bem-aventuranças em vez das oito de Mateus. (2) Dentre as bem-aventuranças de Lucas, há aquelas que são vinculadas ao momento histórico “os que agora tendes fome / os que agora chorais”. (3) Enquanto Mateus usa a terceira pessoa do plural, Lucas narra as palavras de Jesus na segunda pessoa do plural. (4) Na versão de Lucas, logo depois das bem-aventuranças, encontramos os ais, omitidos na versão do Sermão da Montanha. Esse último aspecto é comumente visto como uma forma de Lucas incluir o tema da reversão, o qual é muito importante em seu evangelho.<sup>36</sup>

Betz afirma que uma das principais diferenças entre esses dois sermões, que aparece nas bem-aventuranças, é que o Sermão da Planície não apresenta o tema dos dois caminhos, apresentando, em vez disso, dois tipos de pessoas.<sup>37</sup>

<sup>34</sup> Entre aqueles que consideram como sermões diferentes destaque: HUGHES, R. Kent. *Luke: That You May Know the Truth*. Wheaton, IL: Crossway Books, 1998, p. 220; MORRIS, Leon. *Luke: An Introduction and Commentary*. Leicester, England: Inter-Varsity Press, 1988, p. 138-39. Margaret Ralph afirma que para ela a solução para as discrepâncias entre os sermões está no fato de que “aquela tradição oral não reivindica precisão no contexto social. O que Jesus disse era transmitido de forma separada do onde ele estava quando proferiu tais palavras”. RALPH, Margaret Nutting. *And God Said What?: An Introduction to Biblical Literary Forms for Bible Lovers*. New York: Paulist Press, 1986, p. 16.

<sup>35</sup> Veja uma tabela comparando os dois sermões em WITHERINGTON, Ben. *The Indelible Image: The Theological and Ethical Thought World of the New Testament*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2009, p. 703. Para possíveis alterações literárias que Lucas fez no contexto do sermão, ver CRADDOCK, Luke, p. 86.

<sup>36</sup> MEADORS, Gary T. “The ‘poor’ in the beatitudes of Matthew and Luke”. *Grace Theological Journal* 6.2 (1985), p. 6-14.

<sup>37</sup> BETZ, *The Sermon on the Mount*, p. 571.

Joel Green afirma que as principais diferenças são a adição dos ais e a mudança de terceira para segunda pessoa e afirma que a primeira mudança “significa que as bem-aventuranças de Lucas participam de uma ênfase lucana mais ampla na salvação como uma reversão” e a segunda mudança aponta para o fato de que Jesus dá oportunidade ou ouvinte (leitor) de se identificar tanto com o pobre como com o rico. Ao mesmo tempo, como isso aponta para um *modus vivendi*, “as bênçãos e os ais em Lucas 6 são mais atributivos do que prescritivos... eles comunicam como as coisas já são por causa do advento de Jesus”.<sup>38</sup> Osborne afirma que a principal diferença é que “as bem-aventuranças de Mateus se tornam um chamado à justiça radical, enquanto as de Lucas são um ensaio sobre preocupação social”.<sup>39</sup> O fato é que ao compararmos os textos vemos que o texto de Lucas se adequa muito bem às ênfases mais importantes do seu evangelho.

Bem-aventuranças e ais são fórmulas literárias comuns, que pertencem a uma forma que Mullins chama de *ascription* (atribuição).<sup>40</sup> As “ascrições” são comuns tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, especialmente na literatura de sabedoria, e também eram comuns no mundo helenístico. O Novo Testamento adapta a fórmula da bem-aventurança (também chamada de macarismo).<sup>41</sup> A forma é: prótase (μακάριος + sujeito) + apódase (cláusula ὅτι, introduzindo a razão da bem-aventurança).<sup>42</sup> A ausência de um verbo dá uma espécie de valor axiomático à afirmação.

O dicionário BDAG define μακάριος como “favorecido, abençoado, sortudo, feliz e privilegiado”. A palavra aponta para “seres humanos como recipientes abençoados de um favor divino”.<sup>43</sup> Toppel corretamente afirma que as bem-aventuranças em Mateus têm uma motivação escatológica, diferente daquelas de Mateus, que são mais tradicionais no sentido de que pronunciam um estado de bênção em vez de preverem tal estado.<sup>44</sup> Nas palavras de van

<sup>38</sup> GREEN, Joel B. “Joy”. In: GREEN, *Dictionary of Jesus and the Gospels*, p. 449.

<sup>39</sup> OSBORNE, Grant R. “Luke: Theologian of Social Concern”. *Trinity Journal*, v. 7, n. 2 (1978), p. 135-148, 136.

<sup>40</sup> MULLINS, Terrence Y. “Ascription as Literary Form”. *NTS* 19 (1973), p. 192-205.

<sup>41</sup> STRECKER, G. “μακάριος”. In: BALZ, Horst Robert; SCHNEIDER, Gerhard. *Exegetical Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990, p. 378.

<sup>42</sup> AUNE, David Edward. *The Westminster Dictionary of New Testament and Early Christian Literature and Rhetoric*. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2003, p. 76. Ele também diz: “Conquanto as bem-aventuranças tenham sido quase que totalmente preservadas em contextos literários, elas ainda assim são utilizadas de pelo menos três maneiras: em contextos da aclamação pública, em contextos litúrgicos e em contextos didáticos”.

<sup>43</sup> BDAG (Greek-English Lexicon of the New Testament), p. 611.

<sup>44</sup> TOPEL, *Children of a compassionate God*, p. 63-68. Strecker também entende que, por causa do tema escatológico, essas bem-aventuranças “tem uma orientação primariamente voltada a consolo”. STRECKER, “μακάριος”. In: BALZ e SCHNEIDER, *Exegetical Dictionary of the New Testament*, p. 377.

Hern: “As bem-aventuranças, dessa forma, são promessas escatológicas de bênçãos, bênçãos que, assim como o próprio reino, são tanto presentes quanto futuras”.<sup>45</sup> Günter Bornkham atribui mais peso à forma e afirma que as bem-aventuranças de Jesus, em vez de um dito de sabedoria são “as palavras de um profeta”, “convites e uma promessa”.<sup>46</sup>

Ben Witherington III, por outro lado, discorda de virtualmente todos os estudiosos quanto a isso. Ele afirma que Lucas, embora estivesse consciente do sabor escatológico do seu material, escolheu desenfatar a escatologia em sua versão do sermão. Além disso, para Witherington, as bem-aventuranças deveriam ser entendidas simplesmente como expressões corriqueiras como “que bom” ou “parabéns”. Mas se levamos em consideração o evangelho como um todo e a herança veterotestamentária que ele mostra, não é possível entender a expressão de maneira tão sem importância ou ignorar o seu caráter escatológico. Voltarei a este ponto mais à frente.

Thompson afirma que um contexto do Antigo Testamento para as bem-aventuranças e ais são as bênçãos e maldições de Deuteronômio 27 e 28.<sup>47</sup> Se o foco é o conteúdo, ele está correto e pode-se juntar outros textos do Antigo Testamento que opõem o justo ao ímpio, ainda que Deuteronômio 27 e 28 sejam fundamentais. As palavras usadas na LXX em Deuteronômio 27 e 28, no entanto, são εὐλογημένος (בְּרִיךְ, bendito) e ἐπικατάρατος (רַעֲוִי, maldito). Esse é o caso também com a maioria dos outros textos apresentados como paralelos do nosso texto.<sup>48</sup>

Existe, no entanto, um texto mais parecido em forma com o nosso: Eclesiastes 10.16-17. Na LXX lemos: “16 οὐαί [ἴσ] σοι, πόλις, ἣς ὁ βασιλεύς σου νεώτερος καὶ οἱ ἄρχοντες σου ἐν πρωίᾳ ἐσθίουσιν, 17 μακαρία [ἰΨἴ] σύ, γῆ, ἣς ὁ βασιλεύς σου υἱὸς ἐλευθέρων καὶ οἱ ἄρχοντες σου πρὸς καιρὸν φάγονται ἐν δυνάμει καὶ οὐκ αἰσχυνθήσονται” (Ai de ti, ó terra, quando o seu rei é uma criança, e seus príncipes fazem festa pela manhã! Bem-aventurada és, ó terra, quando o seu rei é um filho da nobreza e seu príncipe faz festa no tempo apropriado, para força e não para embriaguez). Assim como acontece em nosso texto, esse texto de Eclesiastes também apresenta um paralelismo antitético introduzido com οὐαί e μακαρία. Temos, portanto, a mesma forma, com um assunto e contexto diferentes. Essa é a ascripção mais semelhante à de Lucas que se encontra na LXX.

<sup>45</sup> VAN HERN, Roger E. *The Gospels: The Third Readings*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005, p. 334.

<sup>46</sup> BORNKAMM, Günther. *Jesus of Nazareth*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1960, p. 75.

<sup>47</sup> THOMPSON, James W. “The Background and Function of the Beatitudes in Matthew and Luke”. *Restoration Quarterly* 41, n. 2 (1999), p. 109-116, 110.

<sup>48</sup> Alguns desses textos são: Is 3.10-11; Ec 8.12-21; Tobias 13:12, 14; 2 Enoque 52:1-5.

Thompson apresenta uma análise primorosa das bem-aventuranças no Antigo Testamento, escritos judaicos e Novo Testamento e afirma que na época em que o evangelista escreveu existiam três tipos de bem-aventurança, que ele denomina ética, afortunada e apocalíptica.<sup>49</sup> A primeira louva uma forma específica de vida e apresenta as suas consequências. A segunda afirma quão abençoados são aqueles que têm sido favorecidos nesta vida, tanto no aspecto econômico quanto familiar. O último tipo, a escatológica ou apocalíptica, “é a bem-aventurança que pronuncia bênçãos sobre aqueles cujas vidas não são cheias de bens e que são chamados de abençoados em meio ao contexto de sofrimento”.<sup>50</sup>

Thompson vê as bem-aventuranças de Lucas como se adequando ao terceiro tipo e a de Mateus ao primeiro. Lucas faz isso com o objetivo de propor aos seus leitores a internalização de um modo de viver. Thompson conclui afirmando que as bem-aventuranças do terceiro evangelho apresentam esperança para um grupo social específico, “aqueles que não têm nada”.<sup>51</sup>

Betz também lida com a função dessa primeira bem-aventurança:

Esse fato pode implicar que a natureza condicional deve ser levada também para as três primeiras bem-aventuranças, indicando que os discípulos não são simplesmente identificados como pobres, aqueles que têm fome e aqueles que choram, mas que ser ou não incluído entre aquelas pessoas é uma escolha deles. Alguém pode concluir, portanto, que aquilo que à priori parece uma sentença com uma construção primitiva tem na verdade um propósito parenético.<sup>52</sup>

A partir da discussão acima, podemos concluir que μακάριος em Lucas é uma palavra profética, parenética, poderosa e escatológica que afirma uma realidade axiomática com implicações para o presente e para o futuro. Isso provavelmente ficará mais claro à medida que lidarmos com o conceito de reino de Deus mais à frente.

O maior desafio para a interpretação desse texto, no entanto, é a definição de pobre. Existem duas interpretações extremadas. Uma é que πτωχοί em Lucas 6.20 refere-se exclusivamente àqueles completamente destituídos, sem nenhuma referência a alguma realidade espiritual, sendo somente uma questão econômica. A outra posição extrema do espectro é composta por aqueles que afirmam que Lucas não está falando nada sobre aspectos econômicos, mas

<sup>49</sup> THOMPSON, “The Background and Function of the Beatitudes in Matthew and Luke”, p. 109-116, 110-112.

<sup>50</sup> Ibid., p. 112

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> BETZ e COLLINS, *The Sermon on the mount*, p. 572. Parenético diz respeito àquilo que está ligado à parênese, exortação moral, pregação, aplicação.

apenas fazendo uma referência a pessoas piedosas, independente de elas serem pobres ou ricas no aspecto econômico; Lucas está se referindo aos mesmos pobres de espírito referidos por Mateus. Entre esses dois extremos, é possível encontrar diversos estudiosos pendendo mais para um ou outro lado.

A primeira posição extremada, pode ser ilustrada na interpretação de Justo González. Ele afirma que Lucas não “permite que nós ignoremos a pungência dessas bênçãos e ais por meio de uma espiritualização dos mesmos, como Mateus faz”. González segue interpretando “pobre” de maneira exclusivamente econômica e afirmando que para o rico a única esperança é um caminho de obediência radical.<sup>53</sup> Philip F. Esler, que escreveu um dos principais livros sobre a concepção econômica de Lucas, afirma que nas bem-aventuranças “Lucas está falando em um sentido literal e físico de destituição e fome”.<sup>54</sup>

Quase da mesma posição, mas amplificando “pobre” de forma a abranger outros tipos de marginalização, Hughes chama a atenção para o fato de que o próprio Jesus era muito pobre e interpreta pobreza como a situação daqueles sem honra social e sem poder.<sup>55</sup> Green interpreta o termo dizendo que como poucas palavras ele encapsula diversas características das pessoas marginalizadas.<sup>56</sup>

Acrescentando um pequeno componente espiritual, Johnson, também autor de alguns livros sobre pobreza e riqueza em Lucas, afirma que o significado de pobre em Lucas é “não-espiritualizado” e que a palavra se refere àqueles que são “economicamente empobrecidos”. É interessante, no entanto, que ele também acrescenta: “Mas, na narrativa de Lucas, eles também representam todos aqueles *do povo de Deus* que são marginalizados” (ênfase minha).<sup>57</sup>

Muito próximo do outro polo, Witherington diz que

Jesus não está sugerindo, de forma masoquista, que ser pobre, faminto ou desprezado sejam coisas boas em si mesmas. Em vez disso, o sentido é que o discipulado fiel, independentemente de suas dificuldades atuais, será um dia recompensado na medida em que o Deus das reversões tornar as coisas corretas para o seu povo.<sup>58</sup>

<sup>53</sup> GONZÁLEZ, Justo L. *Luke*. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2010, p. 93. Outro estudioso que também interpreta pobreza no sentido literal é CRADDOCK, *Luke*, p. 89.

<sup>54</sup> ESLER, Philip Francis. *Community and Gospel in Luke-Acts: The Social and Political Motivations of Lucan Theology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 188.

<sup>55</sup> HUGHES, R. Kent. *Luke: That You May Know the Truth*. Wheaton, IL: Crossway Books, 1998, p. 222-23.

<sup>56</sup> GREEN, Joel B. *The Theology of the Gospel of Luke*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 79-82.

<sup>57</sup> JOHNSON e HARRINGTON, *The Gospel of Luke*, p. 106.

<sup>58</sup> WITHERINGTON, Ben. *The Indelible Image: The Theological and Ethical Thought World of the New Testament*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2009, p. 704.

Leon Morris provavelmente concordaria, quando ele escreve que, visto que Jesus estava falando com os seus próprios discípulos, pobre em Lucas 6.20 é quase a mesma coisa que piedoso, aquele que depende somente de Deus.<sup>59</sup> Meadors, como vimos, também pensa que pobre aqui se refira somente aos pobres de espírito.<sup>60</sup>

Assim, com tantas divergências, ainda é justificado perguntar, afinal, quem é o pobre de Lucas 6.20?

Embora essa pergunta pareça simples, ela envolve alguns dos temas mais fundamentais de Lucas. Alguns dos assuntos que precisam ser abordados para responder a pergunta são o conceito de pobreza no Antigo Testamento, no período intertestamentário<sup>61</sup> e no pensamento grego; a economia romana da época de Jesus<sup>62</sup> e os conceitos neotestamentário e principalmente lucano de riqueza e pobreza. Ainda mais importante, considerando tudo o que o evangelho de Lucas fala sobre pobreza e riqueza, qual é a melhor maneira de se entender “pobre” em Lucas 6.20?

A primeira ocorrência de πτωχός em Lucas é muito importante. Além de ser a primeira, ela acontece em um ponto bastante estratégico: o primeiro sermão de Jesus, que os estudiosos exaustivamente chamam de programático.<sup>63</sup> A palavra acontece novamente na citação de Isaías 61.1-2 (entremeadado por 58.6). Porter enfatiza a importância desse sermão baseado em Isaías, chamando-o de “discurso inaugural” de Jesus.<sup>64</sup> O que Jesus anuncia como profeta-rei é a

<sup>59</sup> MORRIS, *Luke: An Introduction and Commentary*, p. 139-140.

<sup>60</sup> MEADORS, “The ‘poor’ in the beatitudes of Matthew and Luke”, p. 307.

<sup>61</sup> “Em contraste com o ‘Sacerdote Ímpio’ que se tornou rico ao tomar riquezas à força (1QpHab VIII, 3-13), os sectários se identificavam conscientemente com os ‘pobres’ e ‘humildes’ que herdariam a terra (4Q171 1-2 II, 8-11 cf. Ps 37.11; 1QHa X, 34-37). Interpretações metafóricas e literais de pobreza permeiam textos persecutórios e sectários, desafiando a bênção da prosperidade e encorajando os seguidores a mostrar sua pobreza a todos ‘os que buscam prazeres’ (4Q418 81, 18-19; cf. 1QH a XIII, 16-18; Mt 5:3; 19:21; Lk 6:20)”. PETERS, D. M. “Dead Sea Scrolls”. In: GREEN, *Dictionary of Jesus and the Gospels*, p. 170.

<sup>62</sup> Por exemplo, Christopher Hays, naquele que é o tratamento mais atual e completo sobre o assunto de posses materiais em Lucas-Atos, questiona o antigo consenso de que somente 1-3% da população de Roma era constituído de pessoas ricas (πλούσιος) e classe trabalhadora (πένητοι) e os demais 97% eram pobres (πτωχός). Aquela sociedade tinha mais nuances e nem mesmo Jesus e os doze poderiam ser vistos como πτωχός no sentido de mendigos. Ele também afirma que Lucas editou muitíssimo o material de Mateus, transformando o Sermão do Monte em Sermão da Planície. HAYS, Christopher M. *Luke’s Wealth Ethics: A Study in Their Coherence and Character*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010, p. 108.

<sup>63</sup> STRAUSS, Mark L. *The Davidic Messiah in Luke-Acts: The Promise and Its Fulfillment in Lukan Christology*. Sheffield, Eng.: Sheffield Academic Press, 1995, p. 199; GREEN, Joel B. *The Theology of the Gospel of Luke*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 76.

<sup>64</sup> PORTER, Stanley E. *Hearing the Old Testament in the New Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006, p. 109.

chegada da realidade prenunciada pelo ano do jubileu.<sup>65</sup> Pobre em Isaías diz respeito àqueles que pertencem ao povo da aliança, que são economicamente destituídos e para os quais Deus proferiria de maneira especial no ano do jubileu.

Como Lucas 6.20 se encontra entre duas ocorrências do termo pobre (4.18 e 7.22), as quais definem o ministério de Jesus em termos baseados no livro de Isaías, provavelmente seja seguro assumir que também no nosso texto Lucas está falando de pobreza econômica dentro do contexto daqueles que são parte do povo da aliança. Os demais usos do conceito de “pobre” em Lucas apontam que a palavra não é comumente utilizada para se referir a todas as pessoas marginalizadas e que o termo tem aspectos tanto econômicos quanto espirituais.

Dessa forma, “pobre” em nosso texto não é uma categoria econômica somente, mas uma categoria econômico-espiritual. Nem o aspecto econômico, nem o espiritual exaurem a significado do termo conforme utilizado por Lucas. Os pobres que são bem-aventurados são aqueles que fazem parte do povo de Deus, aqueles que não se comportam como amantes do dinheiro, aqueles que valorizam e servem Deus acima de mamom, aqueles que sofrem nesta vida por terem escolhido buscar os valores do reino. Nessa descrição não se encaixam somente os doze (onze), mas qualquer discípulo verdadeiro de Jesus. Além disso, aqueles que são impactados por tal declaração são convidados a passarem a viver debaixo desses valores, independentemente de sua condição social.

A riqueza de Lucas 6.20 é impressionante. As principais palavras desse pequeno versículo também são conceitos fundamentais do evangelho de Lucas: bem-aventurado, pobre e reino de Deus. Green apresenta uma boa introdução sobre reino no dicionário do qual é o editor. Enquanto a Torá e os Salmos apresentam o reino principalmente como algo presente, o livro de Isaías começa a focar no futuro. Essa expectativa aumenta nos escritos do judaísmo do segundo templo, que acrescentam ao conceito de reino a característica de uma intervenção escatológica e uma importante esfera ética.<sup>66</sup>

Esse último aspecto é parte fundamental do conceito lucano de reino de Deus. A característica mais importante do conceito em Lucas, segundo Green,

<sup>65</sup> Na conclusão de seu tratamento a respeito dessa citação, Porter afirma que o uso de Isaías 61 em Lucas aponta para cinco aspectos da identidade de Jesus. Jesus como o Messias que é ungido pelo Espírito Santo e prega a mensagem da salvação. Ele também vem como o servo sofredor que sofre para aliviar o sofrimento do seu povo. Ele vem como o profeta escatológico final proclamando o ano do jubileu. Ele também vem como rei, anunciando o reino de Deus e, finalmente, ele vem como o próprio Deus, proclamando e realizando os seus propósitos. Outras duas conclusões que Porter extrai é que o contexto de julgamento de Isaías deve ser trazido para Lucas bem como aquele que aponta para o fato de que a salvação proclamada alcança para além de Israel. PORTER, *Hearing the Old Testament in the New Testament*, p. 117-118.

<sup>66</sup> GREEN, Joel B. “Kingdom of God/Heaven”. In: GREEN, *Dictionary of Jesus and the Gospels*, p. 468-472.

é política, ou seja, relacionada com “natureza, distribuição e poder dominador”. Green segue enumerando as características das boas novas do Reino de Deus em Lucas como sendo: (1) especificamente ligado ao reinado e missão real de Jesus; (2) fundamentado na promessa de restauração de Isaías; (3) “preocupado sobretudo com a ‘libertação’”; e (4) orientado para aqueles que são desprezados aos olhos da sociedade, incluindo o pobre.<sup>67</sup>

Craddock chama a atenção para o fato de que as bem-aventuranças e ais são ao mesmo tempo presentes e futuros – “vosso é o reino de Deus” e, ao mesmo tempo, “sereis fartos” (Lucas 6.20-21).<sup>68</sup> E Liefeld mostra as consequências para os pobres:

Também pode haver um elemento de “escatologia inaugurada” no tempo presente – i.e., a presença atual de alguns aspectos do reino vindouro de Deus. Nesse caso, o pobre pode se alegrar mesmo em meio “a sua própria penúria, porque ele já é capaz de partilhar de algumas das bênçãos do reino.”<sup>69</sup>

Em um estudo sobre a parábola do administrador infiel, Ireland vai contra a tese de Conzelmann sobre a escatologia de Lucas e conclui:

A estrutura da história redentiva em Lucas-Atos é, portanto, aquela de promessa e cumprimento. Este último acontece em dois estágios e corresponde aos dois aspectos da vinda do reino. A tensão entre esses dois estágios, entre o já e o ainda não do reino, está no cerne da teologia lucana. O ensino a respeito do uso de posses materiais, incluindo nossa parábola, compartilha dessa tensão.<sup>70</sup>

Esse conceito de reino que inclui a tensão escatológica do já e ainda não se adéqua perfeitamente bem ao nosso texto. Os pobres são bem-aventurados agora. Ao mesmo tempo, os que têm fome e os que choram são bem-aventurados agora, pois no futuro eles encontrarão solução para seu sofrimento. É claro que temos que lembrar que essas bem-aventuranças são para aqueles que estão sofrendo no presente “por causa do Filho do Homem”. Esses e somente esses devem se alegrar agora por causa daquele dia (futuro), pois a sua recompensa é (agora) grande no céu (futuro).

O que, então, Lucas está falando quando diz que o reino é do pobre? Ele está apontando para o fato de que aqueles que são economicamente pobres, caso entrem em comunhão com o Filho do Homem e conseqüentemente se

<sup>67</sup> Ibid., p. 477.

<sup>68</sup> CRADDOCK, *Luke*, p. 88.

<sup>69</sup> LIEFIELD, Walter L.; PAO, David W. Luke. In: LONGMAN, Tremper; GARLAND, David E. *Luke-Acts*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007.

<sup>70</sup> IRELAND, Dennis J. *Stewardship and the Kingdom of God: An Historical, Exegetical, and Contextual Study of the Parable of the Unjust Steward in Luke 16:1-13*. Leiden: Brill, 1992, p. 211.

tornem parte do povo da aliança, começarão já agora a experimentar as bênçãos do um reino cujas realidades já se fazem presentes e se farão ainda mais no futuro. Como cumprimento parcial dessa verdade, Lucas apresenta ao longo do seu evangelho pessoas literalmente marginalizadas sendo aliviadas de seu sofrimento por Jesus, como mendigos e doentes. Em Atos também encontramos uma comunidade na qual não existem pessoas pobres. Tudo isso aponta para o banquete escatológico e o reino futuro. O reino já se faz presente em alguma medida, mas o reino será estabelecido de maneira completa e cabal e, então, os pobres e os sofredores da comunidade da aliança serão totalmente supridos pelo seu Senhor e Rei.

O sermão de Jesus e o relato de Lucas contém um convite. Aqueles ouvintes ou leitores que pela fé aceitam tal convite são aliviados de seus sofrimentos já no presente por causa da comunidade da fé. Eles podem esperar ajuda da parte de seus irmãos, ajuda da parte do Espírito Santo em meio à perseguição e privação e, finalmente, podem estar certos de que um reino justo será totalmente estabelecido no futuro pelo Filho do Homem.

Os pobres de Lucas 6.20 são aqueles que comumente sofriam privação, mas que agora estavam colocando a sua esperança em Deus mais do que no sistema político-econômico e mais do que em seus próprios recursos. Mesmo que em algum momento eles sofram fome e gemam por causa de sofrimento; mesmo que sejam perseguidos por causa do Filho do Homem, esses pobres por causa do reino já são bem-aventurados, pois Deus cuida deles por meio da comunidade da fé, do Espírito, e cuidará de maneira ainda mais completa no reino de Deus realizado. Mais do que apenas uma afirmação, a primeira bem-aventurança contém uma palavra de esperança e um convite para pobres e ricos que estão desprovidos de Cristo. Já o “ai” de Jesus é dirigido principalmente a esses últimos.

O dicionário BDAG define οὐαί como “uma interjeição denotando dor ou desprazer” ou “um estado de sofrimento ou angústia intensos”. Morris pensa que “ai” não é a melhor tradução para o termo grego οὐαί, preferindo em vez disso algo como “que terrível”, expressando desgosto e compaixão em vez de ameaça.<sup>71</sup> O contraste claro com as bem-aventuranças é enfatizado pelo uso da conjunção πλήν (mas).<sup>72</sup>

A pergunta que podemos fazer baseados em Lucas 6.24 é: Será que Deus odeia os ricos?

<sup>71</sup> MORRIS, *Luke: An Introduction and Commentary*, p. 140-141.

<sup>72</sup> 61% das ocorrências dessa palavra se encontram em Lucas, o que mostra a importância da mesma na redação lucana. Topel afirma que em Lucas, quando começa uma sentença, essa conjunção aponta comumente para uma forte reversão. TOPEL, *Children of a compassionate God*, p. 114. Ver mais detalhes sobre isso em MARSHAL, I. Howard. NIGTC *The Gospel of Luke*. The Paternoster Press, 1978, p. 255-256.

Kim afirma que Lucas 6.24-26 parece “expressar hostilidade para com o rico” e também questiona se o rico deve ser amaldiçoado simplesmente por ser rico. Ele afirma que essa situação muda quando alguém compara esse versículo com aquilo que Lucas está ensinando em sua obra inteira.<sup>73</sup> Osborne e Johnson são muito úteis aqui. Osborne apresenta um ótimo resumo quando diz que “é a atitude engendrada pela riqueza, qual seja, um desejo ganancioso por bens materiais (“estais fartos”) e prazeres superficiais (“agora rides”), que é condenada e isso acontece porque tal atitude leva a uma negação de Deus em suas vidas”.<sup>74</sup> Johnson, levando o evangelho inteiro em consideração, define o rico da seguinte forma:

O “rico” desempenha um papel ético no evangelho como oposto de pobre. O termo denota conforto e segurança social. Ele conota pertencimento e poder em meio ao povo, e, na narrativa, um sentido de arrogância que não requer a visitação de Deus.<sup>75</sup>

Outro fio importante a seguir a fim de responder corretamente a pergunta acima é “qual é a audiência do sermão de Jesus e, conseqüentemente, das bem-aventuranças e dos ais?” Lucas 6.20 introduz o sermão de uma forma tal que parece apontar que esse sermão foi exclusivamente proferido para os discípulos: “Então, olhando ele para os seus discípulos, disse-lhes”. Apesar disso, tanto Lucas 6.17-19 quanto 7.1 apontam para o fato de que além de um grupo de discípulos, havia também “grande multidão do povo, de toda a Judéia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidom” (Lc 6.17) ouvindo ao sermão. Muitas pessoas dessa multidão eram pessoas pobres e sôfregas. Lucas 7.1 faz a transição do sermão para o próximo foco do evangelho dizendo: “Tendo Jesus concluído todas as suas palavras dirigidas ao povo”. Assim, a audiência que Lucas apresenta de forma clara aos leitores é composta de pessoas sofridas, até mesmo gentios, que, depois de terem sido curadas física e espiritualmente por Jesus, estavam ouvindo a pregação dele.

Morris e outros afirmam que Jesus não estava se dirigindo a seus discípulos por meio da palavra “ricos”, mas que possivelmente havia pessoas ricas entre a multidão.<sup>76</sup> Ben Witherington pensa que é possível que Lucas esteja escrevendo para cristãos afortunados cujo comportamento como patronos ele

<sup>73</sup> KIM, Kyoung-Jin. *Stewardship and Almsgiving in Luke's Theology*. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1998, p. 203.

<sup>74</sup> OSBORNE, Grant R. “Luke: Theologian of Social Concern”. *Trinity Journal*, v. 7, n. 2 (1978), 135-148, 138.

<sup>75</sup> JOHNSON, Luke Timothy; HARRINGTON, Daniel J. *The Gospel of Luke*. Collegeville, Minn: Liturgical Press, 1991, 108.

<sup>76</sup> MORRIS, *Luke: An Introduction and Commentary*, p. 141.

deseja informar com instrução cristã.<sup>77</sup> Note que logo antes de narrar o sermão de Jesus, Lucas deixou claro que já existia uma certa oposição que acompanhava os passos dele. Lucas 5.17 fala sobre “fariseus e doutores da lei que tinham vindo de todas as aldeias da Galileia, e da Judeia, e de Jerusalém”. O versículo 21 mostra o questionamento desses grupos: “E os escribas e os fariseus começaram a arrazoar, dizendo: Quem é este que diz blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus?”. Nos versículos 5.27-32, temos o relato da conversão do rico Levi e Jesus comendo com publicanos que normalmente eram abastados, e também vemos escribas e fariseus questionando o fato de Jesus comer com eles. Tanto os publicanos quanto os líderes de Israel eram pessoas que poderiam ser classificadas como ricas e, muito provavelmente, Jesus tinha em sua audiência tanto uns quanto outros.

Existe, dessa forma, uma aceção econômica evidente na palavra rico, mas também existe uma atitude do coração em evidência. Lucas não está falando contra a riqueza em si, mas contra a atitude que caracteriza a maioria das pessoas ricas da época de Jesus, de Lucas e provavelmente de todas as épocas, uma atitude marcada por independência autossuficiente e autoconfiança por causa de dinheiro.

Antes de contar a parábola do rico insensato, Jesus apresenta a chave hermenêutica da passagem quando diz: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12.15). Depois da parábola, Jesus apresenta outra indicação de sua lição central: “Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus”. Note que nesses textos Lucas mostra de forma explícita qual era o problema do rico insensato e os erros que Jesus quer que sua audiência evite: avareza, reducionismo da vida a dinheiro e coisas materiais, entesourar para si mesmo e não ser rico para com Deus.

Taw nos ajuda a concluir esse tópico:

Longe de ser uma polêmica contra riqueza, nutrição e alegria, os ais de Lucas condenam a pessoa que não se deixa afetar por aqueles que estão passando necessidade. Aqueles que escondem tesouros em meio à pobreza, aqueles que enchem a barriga enquanto outros ao seu redor estão famintos e aqueles que riem em meio ao sofrimento alheio vão, afinal, experimentar o oposto. O ensino aqui é paralelo àquele de Mateus 25, onde a verdadeira atitude de alguém para com Cristo é demonstrada ao ser refletida em sua atitude para com os famintos, doentes e necessitados.<sup>78</sup>

<sup>77</sup> WITHERINGTON, *The Indelible Image*, p. 704.

<sup>78</sup> TEW, W. Mark. *Luke: Gospel to the Nameless and Faceless*. Eugene, OR: Wipf & Stock, 2012, p. 86.

### 3. A TEOLOGIA DE LUCAS E A QUESTÃO DAS POSSES MATERIAIS: UMA INTRODUÇÃO

Bem aventurados os ricos e ai dos pobres. Como já ficou claro, não podemos olhar somente para Lucas 6.20 e 24 para entender a teologia econômica lucana. É imperativo ler esses versículos em contexto, especialmente no contexto da teologia que Lucas apresenta em seu evangelho. A escatologia, pneumatologia, ética e, especialmente, a cristologia de Lucas são intimamente inter-relacionadas. Por exemplo, fica muito difícil entender Lucas 6.20 e 24 sem ter noção do conceito de reversão apresentado pelo terceiro evangelista. Depois de enfatizar as referências que Lucas faz aos poderes terrenos, Yang comenta: “Jesus, no entanto, está trazendo um novo mundo, caracterizado pela reversão do status socioeconômico”.<sup>79</sup> Van Hern também chama a atenção para esse aspecto, escrevendo que

esses pronunciamentos antitéticos devem ser compreendidos no contexto daquilo que tem sido chamado a teologia lucana do jubileu ou teologia da reversão. Para Lucas, a aproximação da salvação e do reino de Deus será aquele tempo quando Deus ajeitará aquilo que está de cabeça para baixo.<sup>80</sup>

Esse tema da reversão e do jubileu dificilmente são apresentados de maneira mais clara do que em nosso texto. Mas, isso precisa ser deixado sempre claro, essa reversão não visa somente uma mudança da situação econômica e de forma alguma é uma reversão de sorte sem conexão com a fé. Essa reversão acontece primeiro no interior daquele que aceita ser espoliado por causa de Cristo e que considera tudo aquilo que tem (ou deixa de ter) à luz da plenitude do reino de Cristo.

Para Hays, há quatro temas principais que funcionam como base para a concepção ética de Lucas sobre as riquezas: recompensa escatológica, imitação de Deus, generosidade e a ética do Antigo Testamento.<sup>81</sup> Novamente, esses temas não podem ser considerados como entidades separadas, mas têm que ser vistos como um todo. Moxnes, por exemplo, ao concluir seu livro a respeito das relações econômicas em Lucas, diz que o evangelista ensina aos discípulos uma ênfase na “não-expectativa”, mas essa não-expectativa diz respeito a outras pessoas e não a Deus. Ou seja, por causa da esperança das bênçãos prometidas por Deus é que o cristão deve ajudar o seu próximo sem esperar nada em troca: “O benfeitor humano receberá de volta, no entanto, receberá de um terceiro, ou seja, de Deus, o grande benfeitor”.<sup>82</sup>

<sup>79</sup> YANG, S-A. “Sermon on the Mount/Plain”. In: GREEN, *Dictionary of Jesus and the Gospels*, p. 852.

<sup>80</sup> VAN HERN, Roger E. *The Gospels: The Third Readings*. Grand Rapids: Eerdmans, 2005, p. 332.

<sup>81</sup> HAYS, *Luke's Wealth Ethics*, p. 107ss.

<sup>82</sup> MOXNES, Halvor. *The Economy of the Kingdom: Social Conflict and Economic Relations in Luke's Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1988, p. 156.

Embora isso fique mais claro em Atos, onde encontramos uma comunidade cheia do Espírito Santo na qual não existem pessoas necessitadas, já no evangelho encontramos essa mesma relação entre o Espírito Santo e questões socioeconômicas. Existe uma repetida conexão nesse evangelho entre o papel do Espírito Santo e o tema da reversão. João Batista era cheio do Espírito Santo desde o ventre materno (Lc 1.15-17). A mensagem dele continha reversão e aplicações econômicas semelhantes àquelas de Jesus (3.7-14). Ele pregou que Cristo batizaria pessoas com o Espírito Santo e com fogo (3.16) e algum tempo depois foi preso pelo rico e poderoso Herodes (3.20).

Simeão, sobre quem se diz que o Espírito Santo estava sobre ele, recebeu revelações do Espírito Santo e em Espírito foi ao templo. O aspecto da reversão e da salvação aos marginalizados fica evidente quando ele diz que Jesus estava trazendo salvação para todos os povos e que ele era luz para revelação aos gentios (2.23-35).

O texto mais claro, no entanto, que une o Espírito Santo de forma específica a questões econômicas é Lucas 4.18-19:

O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor.

Nesse texto, Jesus se apresenta como o cumprimento da profecia. Ele é a pessoa cheia do Espírito Santo que prega boas novas aos pobres. Somente com a habitação e ação do Espírito é que alguém pode de fato pregar boas novas aos pobres e a outras classes marginais.

Em Lucas 10.21 lemos: “Naquela hora, exultou Jesus no Espírito Santo e exclamou: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado”. Novamente, por causa da ação do Espírito Santo, Jesus se alegra com a reversão graciosa que Deus está realizando por intermédio do seu ministério. Essa verdade é confirmada em Lucas 12.1-12, que mostra teólogos blasfemando contra o Espírito Santo e discípulos simples que sabiam o que dizer por causa do mesmo Espírito Santo.

Essas realidades, a reversão, a esperança de ser recompensado por Deus e a ação do Espírito Santo não estão evidentes em Lucas 6.20 e 24, mas são parte dos valores fundamentais construídos ao longo do evangelho. Assim, essas verdades devem ter voz na tarefa de compreensão do nosso texto se queremos encontrar a mensagem de Lucas com relação aos ricos e aos pobres. Deus fará uma grande reversão por meio do Messias, inclusive econômica. Aqueles que forem cheios do Espírito Santo experimentarão lampejos dessa reversão no presente e se satisfarão totalmente com essa reversão na vinda do

reino vindouro. Por outro lado, aqueles que viverem seguros, baseados nos valores materiais da presente era, serão amaldiçoados.

### CONCLUSÃO

Seria possível dizer em conclusão que Deus ama os pobres e odeia os ricos? É possível dizer que o ministério de Jesus confirma esse padrão? No evangelho de Lucas, Deus e Jesus, de fato, mostram preferência por aqueles que são pobres, bem como por outros marginalizados da época como pessoas idosas, mulheres, gentios, publicanos e outros pecadores renegados. Lucas abre as portas do céu para todas essas classes de pessoas. É necessário deixar claro, no entanto, que o que chama a atenção nessas pessoas não é a sua situação social em si, mas o fato de que elas eram como ovelhas que não tinham pastor e aqueles que deveriam pastoreá-las as odiavam e tiravam vantagem delas.

Quem é o pobre e quem é o rico, então? Osborne nos ajuda a responder quando diz que

... os pobres não são somente aqueles que são necessitados, mas, em vez disso, aqueles cuja situação os torna dependentes de Deus. Os ricos não são somente aqueles que têm grande riqueza, mas aqueles cuja perspectiva materialista os torna tão autossatisfeitos que eles sentem que não precisam de Deus.<sup>83</sup>

Dessa forma, nossa interpretação aqui defendeu quatro teses e, no processo, tentou esclarecer outras questões. As quatro teses são: (1) questões ligadas a posses materiais em Lucas fazem parte de um esquema teológico maior que se relaciona com o livro de Isaías, a teologia do jubileu, o tema da reversão e o reino de Deus. (2) A primeira bem-aventurança e o primeiro ai são introdutórios às suas respectivas seções. (3) Os conceitos de “pobre” e “rico” em Lucas não podem ser interpretados exclusivamente como termos econômicos nem exclusivamente como espirituais, mas são categorias econômico-espirituais. (4) A forma correta de aplicar o ensino das bem-aventuranças hoje em dia é deixar que o evangelho faça uma reversão pessoal e comunitária em nossa lista de valores e, então, agir com base nessa lista renovada e invertida.

A primeira bem-aventurança é tanto uma bênção para aqueles que já estão vivendo pelos valores do reino (discípulos) quando um convite para aqueles que não estão. O primeiro ai é uma advertência para aqueles que estão acostumados a colocar a sua fé no dinheiro em vez de em Deus. Tannehill apresenta os efeitos opostos da primeira bem-aventurança e do primeiro ai:

Aqueles da audiência lucana que eram pobres poderiam ser confortados pelas bem-aventuranças. Na medida em que eles já experimentam aceitação e recebem

<sup>83</sup> OSBORNE, “Luke: Theologian of Social Concern”, p. 135-148, 143.

suporte material por meio da comunidade de Jesus, essas bem-aventuranças soariam como verdadeiras, não somente para o futuro, mas já para o presente. Aqueles na comunidade que eram relativamente ricos, no entanto, dificilmente se sentiriam confortáveis ao ouvir essas palavras. A reação deles poderia ir de ira a ansiedade a respeito do seu lugar no reino.<sup>84</sup>

A audiência de Jesus, os destinatários primários de Lucas e todos aqueles que leem e ouvem esse evangelho são convidados a mudar seu conjunto de valores, abandonando a tentação de adorar mamom e viverem de forma materialista. O leitor é convidado a se tornar discípulo de Jesus, adotando uma postura de desprezo às riquezas. Como Morris diz: “Junto com os ais que se seguem, essas bem-aventuranças fazem zombaria dos valores do mundo. Elas exaltam aquilo que o mundo despreza e rejeitam aquilo que o mundo admira”.<sup>85</sup>

Se essa mudança de valores for real, no entanto, ela há de se materializar. Os cristãos encarnarão esses valores em atitudes e ações práticas para beneficiar os destituídos e marginalizados. Os discípulos são chamados a fazerem parte da *Missio Dei*, usando esses valores novos como uma espécie de bússola para suas decisões pessoais e ações comunitárias, pois discipulado é impossível a menos que se ministre à pessoa integral – necessidades físicas, mentais, sociais e espirituais.<sup>86</sup> A mensagem de Lucas convoca a igreja a pregar a absolutamente todo tipo de gente o evangelho da salvação pela fé em Cristo, mas a fazer isso não somente com palavras, mas com atitudes que demonstrem os valores invertidos do reino.

## ABSTRACT

This article presents a proposal for reading Luke 6.20 and 24 and defends four theses. First, possessions in Luke are part of a greater theological motif related to the book of Isaiah, the theology of the Jubilee, the reversion motif, and the Kingdom of God theme. Second, the first beatitude and first woe are introductory to their respective subsections. Third, poor and rich in Luke point to economic-spiritual categories. And fourth, the correct way of applying the teaching of the beatitudes nowadays is letting the Gospel make a personal and communal reversion in our list of values and, then, acting according to this new set of values.

## KEYWORDS

Gospel of Luke; Blessings; Woes; Poverty; Wealth; Possessions.

---

<sup>84</sup> TANNEHILL, *Luke*, p. 116.

<sup>85</sup> MORRIS, *Luke: An Introduction and Commentary*, p. 139.

<sup>86</sup> OSBORNE, “Luke: Theologian of Social Concern”, p. 135-148, 144.